

IEVTUCHENKO

Introdução e tradução de
Lauro Augusto Machado Coelho

A 25 de fevereiro de 1956, no XX Congresso do PCUS, o primeiro ministro Nikita Khruchtchóv lia um informe sensacional sob muitos aspectos: «Com o fim de não mais repetir os erros do passado, o Comitê Central declarou-se resolutamente contra o culto do indivíduo. Consideramos que Stálin tem sido louvado em excesso. Lenin pusera várias vêzes em relêvo o fato de que a modéstia devia ser uma das qualidades essenciais de um verdadeiro bolchevique. Teríamos de examinar muito sèriamente a questão do culto da personalidade. **Temos de abolir o culto do indivíduo(...) por ser êle estranho ao marxismo-leninismo(...)** Terão de ser postos novamente em vigor de maneira completa os princípios leninistas da democracia socialista, tal como foram expressos na Constituição da União Soviética e lutar contra a torpeza dos indivíduos que abusaram de seu poder.» (1) Tal declaração, que parecia pôr um término a vários anos de abuso, fêz tôda a população respirar aliviada. A ilusão de que, finalmente, a «democracia» socialista abriria suas portas, criou a profunda agitação intelectual a que Êrenburg, em um de seus romances, batizaria de Óttiepel — o degêlo, e que, embora de curta duração, foi de sérias conseqüências para a vida do país, pois a confusão ideológica que se manifestou então excedeu de muito à que se seguira à morte de Stálin, em março de 1953, forçando a reconsideração dos pontos básicos da política partidária e dos próprios fundamentos da sociedade soviética.

Para a literatura, essa época conflituosa foi o prolongamento de um longo processo reivindicativo, iniciado já em meados de '53, através do qual o artista russo, manietado por mais de vinte anos pelas imposições do cha-

1. in Vintila Horia: *La Rebeldia de los Escritores Sovieticos*, p. 116 — RIALP, Madrid, 1960

mado «realismo socialista», única doutrina estética oficialmente aceita, que o transformara num mero agente de propaganda governamental, vinha lutando pela livre expressão de sua arte. Durante essa breve pausa na marcha do totalitarismo, que se encerraria, meses mais tarde, com o sangrento episódio da revolução húngara — e lembremo-nos de que nela um papel relevante foi desempenhado pelos escritores do círculo Petöffi —, o desejo de liberdade, que quarenta anos de terror não tinham bastado para extinguir, gerou uma violenta literatura de protesto, denunciadora dos erros do regime. Alguns grandes nomes da arte russa, votados ao esquecimento pela censura stalinista, foram reabilitados. Obras fundamentais foram publicadas: a peça de Leonid Zorín, **Os Hóspedes**; os panfletos em que Alieksánder Biek exigia a supressão da censura e a concessão ao artista do direito de decidir do que é ou não publicável; o romance de Vladimir Dudintsev, **Nem só de pão vive o homem**; e muitas publicações não conformistas, típicas daquela temporada esperançosa, estampadas na **Literatúrnaia Moskvá**, na **Zviesdá**, na **Známia** e várias outras revistas atuantes.

Inserido nesse contexto é que, repentinamente, surgirá um nome, até então desconhecido, destinado a projetar-se extraordinariamente, até transformar-se numa das personalidades literárias mais discutidas — e discutíveis — da atualidade —: Ievguiéni Alieksándrovitch Ievtuchenko. Nascido em 1933, numa aldeiazinha ponto de baldeação da estrada de ferro Transiberiana, tivera êle uma adolescência agitada, nômade, marginal. Começara a escrever muito cedo, publicando seu primeiro poema em 1949, e desde então vinha poetando febrilmente, já com dois livros editados, mas sem outro sucesso que o de vendagens modestas e poucas referências nas colunas especializadas, sem nada que o distinguisse em meio à verdadeira enxurrada de obras poéticas que regularmente invade as literaturas russas. A escandalosa publicação, no número 10 da revista OKTIABR de 1956, de seu poema **Stántsia Zimá** (Estação Zimá) de violenta repercussão nos centros literários e políticos, pelo qual foi o jovem expulso do Konsomol, é que faria com que súbitamente o público russo se interessasse por seu nome.

Estação Zimá, cuja ação se situa logo após a morte de Stálin, é um marco essencial no processo do degêlo e fornece indícios preciosos do impacto da desestalinização sobre a juventude, mostrando de um lado a repulsa pela falsidade e hipocrisia e a rejeição franca de tudo sobre o que se construira a política do período anterior, e de outro o renascimento de um desejo entusiasmado de construir e participar, sucedendo-se à passividade de antes, e de uma firme decisão de desemaranhar a verdade do denso entrançado de mentiras de que vinha sendo feito seu quotidiano. Essa é a atitude básica do poeta que, morto o ditador, toma súbitamente consciência de

«ter vivido sempre num mundo de mêdo,
ter pensado pouco, querido pouco, sentido pouca coisa.»

A certeza de ter vivido passivamente, deixando que os fatos o acontecessem, sem se preocupar em assumir uma atitude crítica diante do que lhe apresentavam como verdade, angustia-o profundamente:

«Compreendi que em minha vida, demasiado despreocupada,
houvera mais boas intenções do que ações verdadeiras.»

Cumpre reformular urgentemente suas crenças, desembaraçar o fio confuso da realidade; mas êle está sôzinho para fazê-lo:

«Sei que outros responderiam fàcilmente
a meus Como?, a meus Quê?, a meus Por quê?
mas, de repente, descubro
que é por mim mesmo que devo achar a resposta.»

Perseguido pela dúvida, o poeta decide voltar a sua aldeia natal — Estação Zimá — numa tentativa de, retracando o caminho de sua vida, encontrar essas respostas: será um minucioso processo de pôr em questão todos os seus atos, procurando sua justificação e sentido. Chegando à aldeia, êle participa de seu dia-a-dia, descrevendo-a não com aquêlê falso tom lírico dos poemas «campestres» da literatura oficial, mas em tôda a sua cruza e realismo: na aldeia vive-se rude, dificilmente e a falta de recursos, a miséria ainda é acentuada pela desumanidade dos representantes da burocracia governamental. Deparando com aquela forma sub-humana de vida, exploração grotesca do homem pelo homem — o contrário de tudo aquilo que lhe fôra ensinado ser o regime de seu país —, descobrindo que por trás da cara dourada e brilhante a moeda tinha uma coroa de cobre azinhavrado, êle se sente terrivelmente chocado.

Num sujo restaurante de beira de estrada, Ievtuchenko encontra-se um dia com um jornalista de Moscou. Essa personagem é um símbolo do revolucionário desiludido que, tendo lutado para construir o mundo de outubro de '17, constata com amargura os descaminhos por que êle foi levado. Dotado de ácida visão crítica, êle censura vivamente o jovem por sua ingenuidade infantil. Ao saber que se trata de um poeta, discute com êle a função do escritor, mostrando-lhe de que maneira foi êle despido de suas sagradas atribuições e tornado mero títere nas mãos da ditadura. Já não lhe assiste mais o direito de recriar o mundo segundo sua sensibilidade: êle deve contentar-se em repetir conscienciosamente, como um bom escolar, as «verdades» que lhe ensinam:

«Que é um escritor?
Não um criador, mas um guarda de pensamentos.
Por trás de seus discursos adocicados
escondem-se tramas tenebrosas

Falamos do que ontem nós calamos
e calamos o que fizemos ontem.»

Nessas últimas palavras, sobretudo, vai uma crítica severa às constantes decisões dos Congressos do PCUS, segundo as quais as verdades de ontem transformavam-se nas mentiras de hoje, e se infamava ou reabilitava um homem de acôrdo com os interesses do Estado. Um beco sem saída, completa o jornalista; o país enterrou-se até o pescoço num pântano de que não conseguirá escapar. A Ievtuchenko, mais do que as acusações desabridas desse homem, abalam-no seu cinismo desesperançado e sua atitude profundamente negativista.

Alguns dias mais tarde, numa feira, êle assiste ao espetáculo de um ilusionista de terceira classe. As mágicas são vagabundas, feitas de truques simples, facilmente desvendáveis, mas aquêlo povo inculto e ingênuo deixa-se lograr. E o poeta reflete:

«Quantas vêzes já vi coisas assim!
Já vi muita mágica velha
exibida apenas de forma nova, dispendiosa,
e em espetáculos semelhantes
bati muitas palmas, como os outros.
Já vi muitas colheres adornadas
quando faltava aveia para a sopa,
e pensei na verdade e na mentira,
e pensei na verdade que se torna mentira.»

para concluir por um julgamento de responsabilidade:

«...Somos todos culpados
dos versos vãos, das citações sem conta,
dos discursos recheados de frases feitas.»

È preciso rejeitar o cinismo, o pessimismo, a crítica apenas destrutiva; Ievtuchenko prega a necessidade do engajamento numa luta consciente para mudar a realidade:

Não é de amor cego que precisamos,
mas de amor refletido e penetrante (...)
Não queremos viver ao sabor do vento,
mas tentarmos compreender nossos porquê.
A busca da verdade é que nos guia.

Com isso, encerra-se sua missão na aldeia. Agora é voltar para Moscou, seu pôsto de luta, e travar ali a acirrada batalha pela mudança do estado de coisas. Ao partir da aldeia, o poeta pára uma última vez sôbre um outeiro que a domina e contempla seu casario cinza e miserável. E a aldeia dirige-lhe uma despedida:

«Já não estás mais sozinho neste mundo
em tuas buscas, lutas, aspirações.
Não te aflijas, meu filho, se não conseguiste
responder à pergunta que te fizeram.
Sê paciente, observador, escuta.
Busca. Busca. Percorre o vasto mundo.
Se a verdade é um bem, ser feliz é melhor;
sem verdade, porém, não há felicidade.
Entra no mundo, vai, mantendo alta a cabeça,
olhando sempre em frente, atento e cordial,
e tendo no rosto
o açoite
das úmidas agulhas de pinheiro,
e nos olhos,
lágrimas, tormentas.
Ama o povo e serás capaz de compreendê-lo.
Lembra-te de que te vigiarei sempre.
Se o mundo fôr duro contigo, volta para mim.
Agora vai!»

E assim eu fui.

E assim continuo indo.»

Não foram ainda obtidas as respostas que êle procurava, mas algo mais valioso do que elas formou-se dentro dêle: a certeza de que só a indignação e a sinceridade podem levar à verdade, regressando assim ao espírito revolucionário da primeira hora da história soviética, ao espírito de um Maiakóvski ou de um Demian Biédny, mas c/ um idealismo que é agora amadurecido pela experiência que, aliado a um ataque frontal à hipocrisia, à brutalidade e à bajulação, vão ser as características comuns a toda a poesia de Ievtuchenko, logo promovido em líder da Vanguarda poética russa e em ídolo da juventude soviética.

Um dos aspectos da URSS que mais agradavelmente choca o observador ocidental, é o sucesso ali alcançado pela poesia, sobretudo em meio aos jovens, e que consegue reunir à sua volta auditórios de fazer corar de inveja o mais popular dos cantores de iê-iê-iê. São comuns as tiragens de 100 mil exemplares; os novos livros de Voznessiénski Ievtuchenko ou Akhmadúlina esgotam-se assim que postos em venda, se já não tiverem sido encomendados com antecedência, antes mesmo de sua impressão; os grandes recitais poéticos que, na Rússia de hoje, restauram a tradição de poesia oral introduzida por Maiakóvski, arrastam ao espetáculo a soma por vezes astronômica de 14 mil espectadores: um verdadeiro jogo de futebol rimado. E verdade que nem sempre é da melhor a poesia que assim se pratica; muitas vezes o pobre público é obrigado a ingurgitar

insípidos panfletos metrificados, mera propaganda em versos. Mas a juventude parece tomar consciência de que a literatura é uma de suas armas mais eficazes de protesto, e de que cultivando-a e fortalecendo-a tem a seu alcance um meio inestimável de debate e veiculação de idéias. Obviamente, antes a importância social do artista que a estética é que carrega essa multidão de jovens a um auditório, para uma leitura de poesia. A denúncia existente nos poemas sobre a revolução cubana, o ataque ao anti-semitismo russo em **Babi-Yar** ou os golpes certos desfechados contra os stalinzinhos, detentores das posições intermediárias de poder na estrutura burocrática (**Os herdeiros de Stálin**), são responsáveis pelo retumbante êxito de Ievtuchenko mais do que suas qualidades de versificador.

Por outro lado, seria pobre tentar reduzir a apenas isso as razões de seu favor junto à juventude: outras existem. Fazendo sua uma atitude comum a vários grandes nomes da poesia russa, ele dedica-se ao que poderíamos chamar de uma autobiografia lírica, desvendando-se no que escreve, contando seus gostos e antipatias, seus mínimos gestos, fazendo-se personagem central de seu poema e de cada leitor uma espécie de confidente. Assim foram antes dele Blok, Maiakóvski, Essiênin, Akhmátova, numa consecução do que Borís Pasternak chamou de «a concepção da vida do artista como um espetáculo» (**Salvo Conduto**): um processo de conhecimento do mundo através de uma minuciosa prospecção de si mesmo.⁽²⁾ No entanto, entre esses poetas e Ievtuchenko existe uma diferença fundamental. Nêle não é muito acentuada a tendência ao gigantismo, à megalomania de que parece ser atacado todo gênio poético russo e que os afasta do público médio, transformando-os em monstros sagrados. Ao invés da mística torre de marfim esseniana ou do verso olímpico e extra-terreno de Maiakóvski, o que o leitor encontra é Jenia Ievtuchenko, homem do cotidiano, com quem qualquer um pode se identificar, que fala uma linguagem popular, eivada de gíria e de coloquialismos e que, além disso, tem plena consciência da argila perecível de que é feito, e de suas limitações, que confessa a cada passo. Sabendo-se o poeta de uma época em transição, obrigado a trabalhar em condições difíceis, num país em que a profissão de escritor apresenta tropeços muito particulares, Ievtuchenko reconhece-se imaturo e de estôfo não muito consistente. Através de toda a sua poesia sente-se seu medo

2. Não é demais lembrar que o lirismo pessoal nunca obteve a aprovação do ideário estético oficial. Por dedicarem-se a ele, nomes ilustres como Tsvietáieva, Akhmátova e Pasternak tiveram de haver-se com os céberos da censura stalinista. Por ter sido sua obra considerada *apolítica* — e portanto «nociva ao bem comum» — um gênio da estirpe de Óssip Mándelshtam foi deportado e morreu em um campo de concentração perto de Vladivóstk. Portanto, num país como a URSS, o simples fato de praticar uma lírica individualista já se constitui em ousado protesto.

nunca vir realizar-se como artista — «Será que chegarei/ a ser alguma coisa?», pergunta ele angustiado em um de seus poemas —, medo que se revela também no aspecto apressado, instável e difuso de sua obra. A despeito de todo o entusiasmo que desperta, Ievtucheko é razoavelmente cômico de suas fronteiras e do papel que desempenha na história literária de seu país. Em entrevista dada em Paris em 1963, ele afirmava a superioridade da poesia de Andriéri Voznessiénski sobre a sua, mas, continuava, «sem a minha a dele não teria sido possível». E, realmente, ele é, antes de mais nada, um abridor de trilhas, pelas quais passariam mais seus companheiros — uma espécie de João Batista (a comparação é sua) a preparar o caminho para um Messias poético que virá, um dia, escrever os grandes poemas do mundo socialista —:

«E quando eu abandonar o poema:

— Não vale a pena!

— Vale a pena!

dirá ele

e o continuará!»

Sua auto-análise, a pintura de seus problemas e dúvidas constantes, muitas vezes de feição nitidamente juvenil, concorrem para que toque profundamente a mocidade, ela também perdida em meio à estrada, embaçada por um problema de escolha.

É bem verdade que a medalha tem o seu reverso. O sucesso ilimitado que Ievtuchenko obteve, ainda muito jovem, dentro e fora de seu país, não deixou de afetá-lo — ninguém é ídolo da multidão impunemente. «Por isso talvez é que sua sincera ansiedade consigo mesmo seja, por vezes, empanada pela frivolidade. O desejo de parecer domina a sede de ser; a agitação a respeito de como sou? é interrompida pelas considerações sobre como pareço ser?; o problema do destino do poeta é reduzido às dimensões triviais de um problema de sucesso. Ievtuchenko em seus versos discutirá com tal insistência se sua última aparição em público foi um sucesso ou um fracasso (...) que o tema central de sua poesia — a formação de um caráter — desloca-se súbitamente para outro plano — o da promoção do autor na arena literária.»(3)

Ao lado disso, o poeta tem paradoxalmente a consciência de quão inconsistente é essa vaidade; *Poiézdka v Siéver* (Uma viagem para o norte), um de seus últimos poemas, é dominado pela preocupação de libertar-se desses sentimentos triviais, que o impedem de voltar-se para reflexões profundas sobre si próprio e o sentido da vida. A rejeição da lisonja e da vaidade aparece também como motivo central, em uma das seções de seu poema longo *Brátskaia guidrostántsia* (A estação hidroelétrica de Bratsk), publicado na revista *Iúnost* (Juventude) em 1965—:

3. Andréi Sinávski — «Ievtuchenko» — ENCOUNTER, abril de 1967, p. 36-7.

Meus rivais, esqueçamos a lisonja
e as honras que falseiam a verdade.
Meditemos em nosso destino.
Sofremos todos da mesma moléstia da alma —
a superficialidade.
Superficialidade. Pior do que a cegueira.
Quem pode não quer ver.
Por ignorância, talvez?
Ou, quem sabe, por medo de arrancar
as raízes da árvore que nos viu crescer,
sem plantar outra muda no lugar? (...)
Com as penas de nossas asas domésticas
já enchemos o travesseiro de mais de um pilantra.»

Tais oscilações e hesitações são de se esperar em quem, como êle, é um produto típico do degêlo, fruto contraditório de uma época contraditória, dedicando sua vida a uma arte dificilmente exercida, controlada reprimida e de liberdade ilusória. Isso explica as constantes idas e voltas de seus poemas. Principal responsável pelo restabelecimento da poesia oral e, conseqüentemente, da democratização da arte poética, Ievtuchenko deixa freqüentemente que seus versos se ressimam de uma fatura apressada, descuidada, e de concessões ao gôsto duvidoso de uma massa de ouvintes mal acostumada pelas realizações de segunda categoria que lhes foram impingidas durante anos pelos poetastros oficiais. Sob êsse aspecto êle não possui o rigor e intransigência de Voznessiênski ou Vinokúrov, seus companheiros de tribuna. Abandonando as fórmulas ôcas do realismo socialista e da execranda literatura do prêmio Stálin, êle procurou incorporar à sua poesia as conquistas da grande lírica russa, de Púshkin a Blok e Maiakóvski, e os tesouros folclóricos da canção popular, marchando para um realismo crítico — a literatura do homem que enfrenta o mundo e procura fazer-se questão; mas, de vez em quando, inconscientemente ou não, seus poemas resvalam para mediócras louvações, muito ao gôsto do Estado. Sua obra contrastante e sem muita unidade mostra-nos um poeta de possibilidades ainda indefinidas, em luta com contradições internas não resolvidas, que o obrigam a constantemente reformular sua arte e sua vida.

O Ocidente tem de Ievtuchenko uma idéia absolutamente errônea. A imagem que se fez dêle através de noticiário de jornal, do sensacionalismo de magazine e da leitura de sua **Autobiografia Precoce**, obra venenosamente anti-stalinista contrabandeada para Paris em 1963 e publicada pela primeira vez em francês — o que lhe valeu aborrecimentos

seríssimos, inclusive a proibição de ausentar-se da União Soviética por vários anos — é a de um poeta «maudit», insatisfeito com o regime e em luta para mudá-lo. Nada mais falso. Como a maioria de seus companheiros, Ievtuchenko não se opõe ao socialismo, não deseja engajar-se numa campanha revisionista. Seus ataques, êle não os assesta contra a doutrina, que sente profundamente enraizada no coração do povo, mas contra os traidores dessa doutrina e dêsse povo, que fulminou em seu poema **Os Herdeiros de Stálin**. Percebendo o perigo de se sufocar a cultura, enquadrando-a nos limites estreitos do realismo socialista, êle defende uma posição de universalismo e abertura cultural, por oposição à «ortodoxia», máscara para os oportunistas da burocracia:

«As fronteiras me aborrecem.

É desagradável

não conhecer Buenos Aires, Nova Iorque;

queria passear em Londres enquanto me desse vontade

e tagarelar com todo o mundo,

mesmo sem falar direito a língua;

queria dar voltas em Paris de manhãzinha,

como um menino dependurado

no estribo de um bonde.

Quero uma arte

tão multiforme

quanto eu mesmo.»

Não há sentido em proibir o acesso a todo o acêrvo cultural europeu, em impedir a leitura de escritores como Proust, Joyce ou Kafka, formalmente condenados pelos policiais da cultura; não há em sua leitura, insiste êle, um perigo para a sobrevivência do socialismo. Antes o perigo estaria na atmosfera abafada e intransigente da Rússia de Stálin e de suas crias, que mutila o homem e o desumaniza.

Absurda também, finalmente, é a comparação já feita diversas vezes entre o poeta russo e os beatniks americanos: Mailer e Kerouac, Ginzburg e Corso. A revolta «beat» é fruto de um desencanto entranhado produzido por uma estrutura capitalista, para a qual não se vê nenhuma saída—: sua visão do mundo é desesperada e negativa. A vanguarda russa não é revoltada, é revolucionária. Está descontente não com a estrutura sôbre a qual constrói-se sua sociedade, mas com os seus desvios, com as fissuras do edifício, que provocam a injustiça e tolhem a liberdade. Sua luta é positiva e acredita firmemente no encontro de uma solução, na metamorfose do mundo por enquanto iniquo em que vive em algo de mais justo e mais humano. Nessa difícil batalha de todo dia é que, armado de suas qualidades e de seus defeitos, engajou-se o poeta Ievguíeni Ievtuchenko.

CONVERSA COM UM ESCRITOR AMERICANO

«Puxa, você é corajoso,»
disseram-me.

Não é verdade.

Nunca fui corajoso.

Mas sempre achei desagante
fazer mesuras à covardia de meus colegas.

Não abalei alicerces.

Apenas zombei da pretensão
e da fatuidade.

Escrevi artigos.

Não rabisquei denúncias.

Tentei dizer tudo
o que tinha na cabeça.

Sim,

defendi homens de talento
— os escritores do futuro.

Mas isso não passa de uma obrigação;
não sei por que razão atribuem-no à minha coragem.
Oh, nossos descendentes morrerão de vergonha
ao lembrarem, quando chegar o momento de fazer justiça,
de como, nesse nosso

tempo,

a simples honestidade era chamada coragem...

O JULGAMENTO ALHEIO

Os outros ainda hão de te julgar com um irônico sorriso:

«Sim, ninguém, há de negar
que ele tem talento,

mas é tão jovem...

tão jovem!

Há gente mais madura.

Pra quê essa pressa tôda?»

Sacudirão a cabeça

petulantemente.

«É... os jovens sempre

— não tem jeito! —

querem parecer mais velhos do que são...»

Escute-os,

mas não os ouça.

Os mais velhos!

Dê ouvidos a seu talento, não à sua idade.

Não tema

ser jovem e precoce;

ser jovem e preguiçoso

é que é errado!

Se os sorrisos irônicos se multiplicarem, e daí?

Mais maduro,

não tenha medo de provocar risada

Mais maduro,

enquanto ainda há tempo de crescer

Corra!,

enquanto ainda há atrás do que correr.

A CRIAÇÃO

Não me quero render, no entanto rendo-me.
Cai-me a pena das mãos
e um silêncio apavorante
fecha-me os lábios cansados
Vejo com dor, nostalgia,
brincar sôbre as paredes de meu quarto,
carregados de tudo que é impossível aos homens
dizerem uns aos outros,
os mágicos contornos dos galhos das árvores.
Deitado em meu leito, sinto
que a tempestade tem algo a me dizer
e que dentro do ruído da neve que cai
cada bonde assobia sua canção melancólica.
Os trapos dos cartazes tentam sussurrar,
as lonas das marquises tentam gritar,
a água tenta cantar dentro de seu cano,
e os fios telefônicos balbuciam baixinho.
Mas os homens, pobres homens, inda que sofram com isso,
não se podem ao próximo confiar.
Sôzinhos diante de si próprios, calam-se,
ou contentam-se em menear penosamente a cabeça.
Não, essa noite não posso dormir!
Para ajudá-los a todos,
é preciso que me transforme nessas árvores, bondes, homens.
E volto à minha mesa
e eis-me nela sentado,
eu, que sou sua possibilidade de virem a conhecer-se.
Através de luta e amor, confiar o saber ao homem
é chave que nos abre as portas de nosso próprio eu.

O ENCONTRO

Estávamos sentados no aeroporto
de Copenhague e bebíamos um café atrás do outro.

Lá era tudo fino e confortável,
de uma elegância cansativa.

Súbito apareceu aquele velhote
vestido com um blusão verde de capuz,
o rosto queimado pelo vento marinho.

Apareceu

não,

irrompeu.

Singrava as vagas de turistas
como se perdesse o contróle do timão
e uma barba, semelhante à espuma do oceano,
orlava, alvinitente, o seu rosto.

Andava com ar decidido, desajeitado,
triunfal, elevando ondas enormes
entre as velharias amontoadas
e as novidades cheirando a môfo.

Abriu o colarinho grosso de sua camisa,
recusou vermates e pernodes,
pediu um copo de vodka russa
e, com a mão, jogou longe a soda.

Com suas mãos bronzeadas, cicatrizadas, escalavradas,
o raspar sonoro de suas botas no chão,
e suas calças inefavelmente engorduradas,
era mais elegante que todo o local.

A terra parecia inclinar-se aos seus passos
e ceder diante de sua proximidade.

Meu vizinho sorriu e disse—:

«Olha como ele se parece com Hemingway!...»
Ele andava, revelado por cada gesto seu,
com o passo pesado dos lobos.
Jorrando, informe, de um bloco de granito,
avançava através dos séculos,
inclinado como se numa trincheira,
afastando, à sua passagem, cadeiras e homens...
Parecia-se tanto com Hemingway...
Mais tarde fiquei sabendo
que era Hemingway.

PARA ALIEKSÁNDR BLOK

Quando penso em Alieksandr
e dêle sinto saudades,
não me lembro de seus versos,
mas de uma ponte, do Neva,
de um vagão passando ao longe.
Por sôbre as vozes da noite
lentamente delinea-se
sua vaga silhueta —
suas olheiras, moldura
de dois olhos espantados,
e seu sobretudo negro,
Sombras e luzes se atiram
em meus braços e as estrêlas
despedaçam-se no chão.
Sua longa mãe de cêra
parece indicar-me o alto
E como em um verso obscuro,
cujo sentido me escapa,
a névoa vai envolvendo
o ruído dos vagões,
as pedras, a ponte, o Neva,
as nuvens e Alieksánder.

BLOK — o último grande poeta simbolista russo (1880 1921), de origem aristocrática, abraçou fervorosamente a causa da Revolução, que celebrou em seu poema *Os Doze*. Magistral artífice do verso, exerceu influência considerável sôbre a obra jovem de Maiakóvski, Essiênin e Pasternak entre outros.

BIBLIOGRAFIA DE EVGUIÉNI IEVTUCHENKO.—

- RA ZVIÉDCHIKI GRIADÜCHTCHEVO (Exploradores do futuro), S.P., 1952
- TRIETII SNIEG (Terceira Neve), S.P., 1955
- STANTSIA ZIMÁ (Estação Zimá), Oktiabr, 1956
- SHOSSIE ENTUSIÁSTOV (A calçada dos entusiastas), M.R., 1956
- OBIECHTCHÁNIE (A promessa), S.P., 1956
- LUK I LIRA (O arco e a lira), Z.V., Tiflis, 1957.
- STÍKHI RAZNIKH LIET (Poemas de vários anos), M.G., 1959
- IÁBLOKO (A maçã), S.P., 1960
- BABI-YAR (A ravina das camponesas), Literaturnaia Gazeta, 1962
- VZMAKH RUKI (Um aceno de mão), M.G., 1962
- NIÉJNOST. NÓVY STÍKHI (Ternura. Novos poemas.), S.P., 1962
- BRÁTSKAIA GUIDROSTANTSIA (A estação hidro-elétrica de Bratsk), Iúnost, 1965.
- POIÉSDKA V SIÉVER (Viagem para o Norte), Známia, 1966.

A AUTOBIOGRAFIA PRECOCE foi publicada em francês em fevereiro de 1963; não consta que a obra tenha sido editada na União Soviética: a única edição em língua russa foi impressa em Toronto, no Canadá.

Ievtuchenko vem dedicando-se agora à prosa; o Figaro Littéraire de 14-20 de agosto de 1967 publicou sua novela PEARL HARBOUR. Publicaram as obras de Ievtuchenko:

editóras — S.P. Soviétski Pisátiel (O escritor soviético)
M.R. Moskóvski Rabóchi) (O operário moscovita)
M.G. Molodáia Gvardia (A jovem guarda)
Z.V. Zariá Vostóka — (A aurora do oriente)

revistas Oktiábr — Outubro
Iúnost — Juventude
Známia — Estandarte.